

## HETEROENDOGENIA DIALÉTICA ENTRE CENTROS NA CIDADE DE MARABÁ-PA

Mauro Emilio Costa Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo do artigo é tornar inteligível geograficamente a realidade de três centros de uma mesma cidade em que podem ser ao mesmo tempo, semelhantes nos aspectos endógenos com destaque aos fatores sociais, mesmo, sendo diferentes nos aspectos da forma, contradição que gera dúvidas e sensações de inferências dedutivas. Sendo os sujeitos da pesquisa, os trabalhadores informais e empresas, ambos alocados nos centros. Isto é, a referida ambivalência (semelhante-diferente) exigiu um método que pudesse iluminar e consubstanciar a pesquisa com seus rigores analíticos contraditórios, sendo por isso, a escolha do método dialético crítico como base de instrução do trabalho no corpo teórico e nas atividades de inquirição empírica.

**Palavras-chave:** Centros, Dialético, Forma, Endógeno, Sujeito.

### RESUMEN

El objetivo del artículo es hacer inteligible geográficamente la realidad de tres centros de una misma ciudad que pueden ser, al mismo tiempo, similares en aspectos endógenos con énfasis en factores sociales, aunque sean diferentes en aspectos formales, una contradicción que genera dudas y sensaciones de inferencias deductivas. Los sujetos de investigación son trabajadores informales y empresas, ambos ubicados en los centros. Es decir, la mencionada ambivalencia (similar-diferente) requería de un método que pudiera iluminar y fundamentar la investigación con sus contradictorios rigores analíticos, De ahí la elección del método dialético crítico como base para la instrucción en el cuerpo teórico y en las actividades de investigación empírica.

**Palabras clave:** Centros, Dialéctica, Forma, Endógeno, Sujeto.

### INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Prof. Dr do Departamento e Mestrado em Geografia da Universidade do Estado do Pará- UEPA, [maurobrasilgeo@yahoo.com.br](mailto:maurobrasilgeo@yahoo.com.br)



A cidade como um sistema urbano integra seus fragmentos em torno do centro e a composição do conteúdo deste e da centralidade são privilegiados por desempenharem um papel de comando no fluxo econômico intraurbano. A cidade de Marabá-PA, desde a década de 1950, já demonstrara projeções espaciais para o *devoir* dos investimentos públicos e privados, inserida no bojo das transformações econômicas ocorridas em âmbito mundial e nacional reforçado a partir dos anos de 1970, em que o regime de acumulação flexível redistribuiu fatores produtivos entre os países, e, estes, redistribuíram internamente novas funções e papéis às suas regiões.

O espaço marabaense foi inserido no contexto de tais redistribuições como suporte à atividade de mineração na região do Sudeste paraense, tendo a cidade e o urbano impactados pela nova conjuntura capitalista, e a interpretação deste contexto é o processo de reestruturação urbana e reestruturação da cidade, verificado por meio da intensificação das dinâmicas dos centros e suas centralidades.

Para tanto, foi necessário estabelecer um diálogo com a interpretação da teoria espacial crítica miltoniana, forma, função, processo e estrutura. Os centros foram referenciados no interior dos três núcleos pesquisados, a saber: Marabá Pioneira, Nova Marabá e Cidade Nova.

O estudo da forma vai além da paisagem, pois, implica numa compreensão mais ampla do espaço. Assim, torna-se importante estabelecer algumas ponderações. Para Whitaker (2014), a análise da forma exige a identificação de alguns elementos morfológicos, entre os principais: o plano da cidade e sua evolução, as relações do plano com o sítio urbano, a relação do que é edificado e o que não é, a densidade da ocupação, a identificação de áreas morfológicamente homogêneas e a heterogeneidade e, por fim, a fisionomia urbana.

A identificação dos elementos morfológicos mencionados, e posto as operações metodológicas de sua apreensão (detidamente), dá ao espaço uma caracterização particular, traduzida pela teoria geográfica de forma urbana, situando a escala da cidade, suas interações espaciais interescalares e o tempo como componentes essenciais.

Na escala da cidade, a compreensão das formas necessita reconhecer o processo de espacialização, num posicionamento dialético do lugar em relação ao mundo por meio da forma. Santos (2014, p. 169) assinala que “em todos os casos há combinações diferentes de normas e formas”. No caso do mundo, a forma é subordinada à norma, no caso do lugar, a norma é subordinada à forma.

A ideia que se traduz é de que há uma normatização das formas emanadas pelo mundo, na constituição de uma regra geral, de um fazer determinado, cujo espaço e sociedade são acomodados por tal regra. Para o lugar, a forma é inquietante até que a norma lhe dê significado

na materialização espacial, o lugar está atrelado à dimensão de duração em consonância aos processos socioeconômicos e políticos.

Em tese de doutoramento, Santos (2012) versou sobre o centro urbano, cujo título era “O Centro da cidade *do* Salvador”. Sendo um dos estudos seminais brasileiros quanto à dimensão geográfica interpretativa do centro, visando entender o desenvolvimento do estado da Bahia e da sua região no ano de 1958, pois, por meio da paisagem urbana conseguia apreender os elementos que constituíram este espaço da cidade, num confronto entre o tempo passado e o presente.

Para Santos (2012, p. 28), “o centro constitui uma verdadeira síntese, pois, reflete ao mesmo tempo, as formas atuais da vida da região e da cidade e o passado, seja pela evolução histórica”.

A tese mencionada tornou-se uma proposta metodológica para o estudo do centro.

Os centros urbanos guardam uma originalidade de arrumação que, no interior dos grandes quadros urbanos, pode-se distinguir pelos seguintes motivos: **1-** O sentido e o ritmo da evolução da região e da cidade; **2-** Os dados do sítio; **3-** As formas atuais da organização e da vida urbana, incluindo, de um lado, o dinamismo atual (força de transformação) e, de outro lado, as forças de inércia, representadas pela resistência, maior ou menor, que oferecem as estruturas provindas do passado. São esses os elementos que merecem ser estudados, no quadro geral dos tipos urbanos, se queremos fazer um esforço de reconhecimento das formas particulares de organização dos centros de cidade (SANTOS, 2012, p. 29).

O autor se utilizou dos três motivos mencionados (**1-** evolução da região e da cidade; **2-** sítio urbano; **3-** mudanças e permanências) do quadro urbano, relacionando-os entre si para obter uma matriz descritiva do centro de Salvador, para então estabelecer um conjunto explicativo das funções urbanas nas escalas intraurbana e regional, porque as funções concernentes a um dado centro o caracterizam por meio de signos em escalas ultralocais.

As três porções centrais têm suas definições locacionais ditada pela condição do “espaço prático-sensível” (2013), isto é, o meio físico como demarcador da condição natural trinarria que o discurso social se apodera no trato das áreas pesquisadas. O que significa atribuir o meio físico endógeno com a presença dos rios Tocantins e Itacaiúnas como componentes da malha urbana essencial na dinâmica socioespacial.

Para a matriz de inspiração, considera que a prática espacial muda os processos, assim sendo a heteroendogenia marabaense substancialmente se apresenta na dialética socioespacial entre o moderno e o tradicional, coexistindo na perspectiva de submissão e resistência postos

pelos formatos e conteúdos, em que as três áreas centrais se encarregam de abrigar como entes inerentes da dinâmica socioespacial.

## **METODOLOGIA**

O desafio da pesquisa que anseia captar a essência social e econômica de dadas áreas necessita de um constante estar no movimento do ‘perto’ e ‘longe’ do *lôcus* da pesquisa. Ainda que as duas dimensões estejam emaranhadas num fio condutor de raciocínio, devem manter certo equilíbrio, sendo necessário entrosar o teórico (longe) com o empírico (perto). Em relação ao excesso de crédito atribuído ao ‘perto’, que imerge no contexto investigativo, atento aos dados minuciosos do micro, sem uma avaliação mais ampliada das determinações do macro, observa-se que se corre o risco de gerar saltos dedutivos ao *lôcus*.

Referente ao excesso de crédito dado ao ‘longe’, atuante na magnitude da literatura e dos dados secundários, como força do arcabouço teórico que circunda o *lôcus*, tanto o abastecendo de informações e ideias já postuladas quanto derivadas para novas indagações, verifica-se que é assumido o risco de incorrer em emersões que o distanciam do escopo da pesquisa, além de caricaturar um ideário espacial de uma abstração inócua.

Assim sendo, foi necessário a interlocução por meio de entrevista semi-estruturada com os dois sujeitos da pesquisa no processo de descoberta de nuances latentes da pesquisa no espaço, os trabalhadores do mercado informal, ao entendermos que a sua não “obrigação trabalhista” de permanência num dado estabelecimento e no horário estritamente comercial lhe possibilitaria possuir riqueza de detalhes sobre a dinâmica interna diária de cada área central.

A inserção do sujeito, trabalhador do mercado informal também está atrelada ao fato de serem produtores do espaço urbano, pois, sua presença na área central indica outras modalidades de uso do solo, o que consiste de imediato na reprodução social por meio de estratégias de sobrevivência compelidas no arranjo espacial.

Por fim, selecionou-se cinco (5) empresas do segmento de comércio e serviços de cada centro dos três núcleos, totalizando quinze (15), empresas com a aplicação de entrevistas aos proprietários ou gerentes de matrizes, franquias, filiais, ou seja, empresas de escala global, nacional, regional e local.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A teoria do “Meio Técnico-Científico-Informacional” (M.T.C.I.) (SANTOS, 2008) é considerada uma exitosa tentativa de pensar sobre a artificialidade (relativa) do espaço, no qual as técnicas modernas residem; é o mundo da materialidade captado inicialmente pelo processo cognitivo da abstração.

A relação entre abstrato-concreto em meio às ciências das humanidades teve, por assim dizer, um marco histórico quando “o filósofo ‘espadachim’ René Descartes, por ser laborioso em suas palavras, tal como o movimento dos golpes de uma espada” (PIRES, 1960, p. 210), inaugurou a cisão escolástica entre a filosofia e a teologia permitindo que o mundo das ideias e do concreto pudessem ganhar teorizações estritamente científicas, abrindo a filosofia para o mundo moderno, estabelecendo desta maneira a escola cartesiana, isto é, a ciência pela ciência.

Descartes abre o pensamento do mundo moderno, tendo como principal obra o *Ser e o Nada*, nesta indica que todo o conhecimento inicia pela essência do objeto e se desdobra para os seus atributos. A Filosofia canalizada pela abstração que a consubstancia é considerada, por algumas searas disciplinares, incapaz de autenticar respostas científicas, no caso da Geografia e da presente pesquisa há um ponto de erudição com a ideia cartesiana anterior.

Se, ao conhecer a essência do objeto deriva para os seus outros atributos, logo, empreender a inteligibilidade de um centro significa imergir em seu conteúdo social e econômico exprimindo (entre outras) a vertente qualitativa que exige alcançar o sujeito (morador, trabalhador, capital, estado e consumidor) em suas relações subjetivas e objetivas com o meio e entre si.

Percorrendo para a corrente do Existencialismo a que Sartre é um dos expoentes, apregoa que a “subjetividade deve se expressar objetivamente” (PIRES, 1960), o que torna patente a ação dos sujeitos (trabalhador e capital) como entes reprodutores do centro, sob a prerrogativa de serem agentes históricos com decisões que mutualmente se afetam, conduzindo a forma espacial singular, bem como o conteúdo social, isto é, a essência do lugar.

O fato de os sujeitos elencados serem reprodutores do centro aponta que há uma tensão entre si, pela maneira de apropriação das condições gerais de produção, o que para Sartre (PIRES, 1960) significa o ensejo antitético das relações entre si, reforçado pela liberdade de cada um em vencer as contingências por meio da criatividade.

Os postulados filosóficos ora expostos inspiram o *labor* metodológico operacional da pesquisa, na medida em que apresenta as possibilidades de ações de cada sujeito/agente reprodutor do centro, auxiliando na busca de informações que motivam e justificam suas ações

que afetam o outro, mas sobretudo o meio que nem sempre atesta na aparência os elementos e momentos das transformações.

A importância de incorporar a Filosofia na pesquisa geográfica é o potencial de abstração, ainda que seja um princípio preliminar que vai se reduzindo com o avanço da pesquisa, especialmente no pós-campo, quando a divagação gradativamente vai cedendo à concretude dos dados. No entanto, nunca desaparece, pois, os intervalos entre a análise e os dados são preenchidos pela abstração filosófica, que encaminhará a maneira em que será explicitada o artigo.

A possibilidade de relacionar o abstrato-concreto nem sempre fez parte do mundo circundante do homem, porque mesmo Platão em o *Mito das cavernas* (PIRES, 1960) já demonstrava que há uma grande dificuldade em acreditar em algo apenas dito e não visto. Uma das grandes novidades do nosso tempo é acreditar em algo não somente não visto (presencialmente) como também não tocado. O reino das técnicas se encarrega de estabelecer a relação com o homem, seja com seu uso e acesso, seja sem nada disso, relação reificada entre homem-técnica na qual se fundamentou a teoria do M.T.C.I.

A razão que nos levou a trazer para a discussão a teoria do M.T.C.I. é o fato de que a atenção maior dada a Marabá na pesquisa até-se ao pós-1970. Período em que a teoria é captada com a modernização dos espaços, sendo neste bojo que Marabá se insere no circuito econômico nacional e mundial que tendo redefinido seu papel, também teve seu espaço reestruturado por meio da técnica-ciência-informação.

As teorias são produzidas a partir de um campo objeto concreto, principiado por uma lógica formal do concreto, desencadeando-se para uma lógica dialética da relatividade que se complementa. Como assevera Lefebvre (1975, p. 24), “se aprofundada, a lógica formal não proíbe o pensamento dialético, ao contrário, mostra a possibilidade dele, abre-se para a sua exigência, sua espera, seu trajeto, funda a necessidade desse pensamento”.

Para Lefebvre (1975, p. 30), “a lógica é identidade pura, porém os problemas não têm logificação”. Assim sendo, a lógica não é algo dado, engessado ou conclusivo, pelo contrário, ela é reflexionante e passível de cognoscibilidade. Portanto, permeável à abstração, que é um componente essencial da dialética pautada na ontologia, isto é, na apreensão da totalidade social.

Com base nas ideias inspiradoras na elaboração das teorias correlatas com a realidade, entende-se que a emergência do período atual assentada na “aceleração contemporânea” (SANTOS, 2008) representa as transformações que o capitalismo passou na segunda metade do século XX, em que a produção e o consumo renovaram continuamente suas características e as espacializações.

Quando Lefebvre (2008) fala da “urbanização completa da sociedade”, deduz-se a incorporação das reconfigurações espaciais da cidade e do novo movimento da vida urbana, instaurado pela densidade técnica e valores (signos mercantilizados) modernos, como um processo abarcativo no tecido urbano e mesmo fora dele.

Assim sendo, a artificialização<sup>2</sup> espacial “Meio técnico-científico-informacional” (Ibidem), tornando e ampliando os espaços urbanos modernos, com destaque para as cidades metrópoles e médias. No caso de Marabá, o *processo produtivo* reestruturador recente, desencadeado por interesses de agentes articulados, teve os *lócus* da cidade como aporte pela necessidade de conexão com a economia nacional e internacional, isto é, ao contexto mais amplo de globalização.

A globalização pode ser assim definida como a intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção anversa às relações muito distanciadas que os modelam. A transformação local é tanto uma parte da globalização quanto a extensão lateral das conexões sociais através do tempo e do espaço (GIDDENS, 1991, p. 69).

Os eventos e acontecimentos ocorridos em escala global, a mundialização, faceta concernente à distribuição do trabalho no espaço planetário, nas escalas intraurbana<sup>3</sup> da cidade e interurbana entre cidades, são traduzidos em lógicas que emergem na cidade forçando o centro<sup>4</sup> e áreas centrais à modernização das atividades de serviços e comércio para tal recepção.

---

<sup>2</sup> A artificialização espacial deve ser relativizada, pois, as técnicas não conseguem impor um domínio completo sobre a natureza.

<sup>3</sup> A escala intraurbana nesta pesquisa concerne às frações espaciais no interior da cidade, especificamente os três centros de cidade.

<sup>4</sup> As conceituações sobre centro e centralidade serão discutidas em capítulo adiante.

Alguns fatores contribuíram para a realização dos eventos econômicos mundiais, com rebatimentos nos processos de reestruturação urbana e da cidade, que tem os anos de 1990 um momento de mudanças paradigmáticas no padrão de produção e consumo.

A partir dos anos 1990, houve a passagem para o novo regime de acumulação, acompanha-se de mudanças fundamentais multiformes nos modos de produção e consumo, nas transações e nos mecanismos institucionais de regulação das relações sociais. Eles induzem uma reestruturação espacial da sociedade inteira, redefinição do conteúdo ideológico dos espaços, estabelecimento de nova divisão social e espacial do trabalho, criação de novos espaços de produção e de consumo e etc. (BENKO, 1999, p. 118).

Assim, a passagem dos anos 1990 permite uma gama de análises, porém, dar-se-á maior ênfase aqui àquelas responsáveis pela reestruturação da cidade, sob a ótica do centro e centralidade como corolário das mudanças, especialmente na produção e consumo que tem na artificialização do espaço o aporte material de reprodução.

Para uma relação entre a teoria “Meio técnico-científico-informacional” (Ibidem) e o espaço empírico intraurbano de Marabá com enfoque para os três núcleos (Marabá Pioneira, Nova Marabá e Cidade Nova), intencionou-se situar o tempo-espaço da cidade, desde sua formação, passando pelos anos de 1970 até o contexto atual (2020), sob a luz dos períodos técnicos que a teoria comporta como se segue.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O isomorfismo<sup>5</sup> foi um termo empregado para designar que as atividades comerciais surgidas podem ser substituídas ou acrescentadas por diferentes seguimentos, porém a cristalização do centro permanece com formas individuais entre as três áreas pesquisadas. No âmbito da cidade, a confirmação heterogeneidade entre as três áreas centrais marabaenses.

Sendo a “diferença” um constituinte original e clássico do espaço geográfico, ao se remeter para os três centros marabaenses para além da bidirecionalidade da compra-venda, há especificidades endógenas e generalidades como superfícies isomórficas, que ao passo que

---

<sup>5</sup> Segundo Rios (2006, p. 336) Isomorfismo é um fenômeno apresentado por substâncias diferentes em sua constituição, mas que tem a propriedade de substituir-se mutuamente na formação de um mesmo cristal.

As **mesmas** dinâmicas singulares assimilam lógicas exógenas que se entranham nas relações socioeconômicas e nas estéticas das paisagens urbanas edificadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões levantadas, discutidas e inferidas foram possibilitadas pela elaboração e efetuação do conjunto de técnicas metodológicas analíticas e operacionais, que ao serem aplicadas e cruzadas permitiram constatar que o processo de reestruturação da cidade pode ser evidenciado pela condição de cidade (multi)policêntrica com três centros interescolares, interdependentes e polimorfos, isto é, com suas formas particulares sob o aporte técnico-transnacional e de base tradicional na relação de produção e consumo, cuja expressão espacial se verifica na paisagem urbana de cada centro e as centralidades com seus respectivos conteúdos gerais e específicos e ainda que a condição do centro é síntese da dinâmica econômica da cidade.

Na perspectiva da Geografia Urbana Crítica, com efeito, o processo de reestruturação da cidade em Marabá verificada por meio da dinâmica de acentuação das atividades de serviços e comércio, impulsionando o centro e a centralidade, põe em evidência o “espaço-mercadoria” (CARLOS, 2001) que tende a solapar as relações do movimento do uso sob o signo do capital, com predomínio da troca que aliena o homem na esfera do consumo e do arranjo espacial, conferindo ao centro a antitética relação do trinômio homem-capital-meio.

## REFERÊNCIAS

- CARLOS, A. F. A. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.
- BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker São Paulo: Unesp, 1991.
- LEFEBVRE, H. **Lógica formal/lógica dialética**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.



PIRES, H. **Os filósofos**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1960.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, M. **O Centro da cidade do Salvador**: Estudo de Geografia Urbana. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2014.

WHITACKER, A. M. **Forma Urbana e Estrutura Urbana**. 2014. Tese (Doutorado interinstitucional em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; Universidade Federal do Pará, Presidente Prudente/Belém, 2014.